

MOHAMMED FERNANDO PEREIRA

ENTREVISTADOS:	Mohammed Fernando Pereira
Localização da atividade:	Associação de Moradores do Jardim Helian, Itaquera
Área de Atuação:	Líder Comunitário
Data da entrevista:	19/10/2020
Entrevistadores:	Fernando Filho e Renata Eleutério – CPDOC Guaianás

BREVE DESCRIÇÃO

Vice-presidente da Associação de Moradores do Jardim Helian.

ENTREVISTADO:

MOHAMMED FERNANDO PEREIRA

ENTREVISTA TRANSCRITA:

Mohammed:

Eu sou Mohammed, eu hoje estou com trinta e três anos... é... a minha atuação ela não... não se originou aqui no bairro do Jardim Helian. Na verdade eu sou visto como estrangeiro aqui dentro, né? É... Na verdade eu tive... eu vim de uma tragédia familiar, né? Na qual eu perdi meu, meu babá-dí, meu pai, aos catorze anos de idade. Na sequência eu perdi meu irmão, três meses depois. É... e devido a problemas familiares eu fui morar numa instituição... do Estado né? Na época chamava CRECA né, hoje chama SAICA. [Serviço de Acolhimento Institucional para Crianças e Adolescentes] É... daí eu não me identifiquei com a... com a posição de ser institucionalizado, né? Eu partir dali pra fazer trabalhos voluntários, dentro da instituição no qual eu morava né? Eu acho que era um dos únicos que conseguiu trabalhar através do Jovem Aprendiz, da rede Jovem Aprendiz.

Só que as regras de você morar numa instituição, você não pode ter nada diferenciado, ou você ter uma conta, é uma conta bancária no seu nome, né? Tudo isso é congelado, e daí eu acho que

partiu um pouco essa... é, foi um despertar da minha militância, né? "Porque que os jovens institucionalizados, é... em orfanatos, e em abrigos provisórios... eles não tinham tanta visibilidade quanto o jovem que ficava na Fundação casa, extinta Febem", né? Por que? Por que nós não queimávamos colchão? Então eu achava um absurdo, é... a gente ter que esperar um juiz primeiro, é, atender esses casos... desses jovens que tinham cometido algum delito e deixar a gente a priori disso, né? Deixarem a gente indeferido desse processo. Então daí eu comecei minha atuação, né? No conselho tutelar, também... e fui voluntário do conselho tutelar, da Vila Prudente, por muitos anos, né? Daí eu tenho amizade com a Ilda Calixto, com a Irmã Ângela, né? Eu cheguei um tempo tá morando junto com a irmã Ângela, no convento, de freiras. É... só posteriormente, lá pros anos... só pros anos de dois mil e... dois mil e dez, é... dois mil e onze, que eu vim morar aqui no Jardim Helian. E como eu tinha uma atuação muito forte na parte de criança e adolescente, né? É... eu ouvia falar muito sobre empoderamento juvenil, sobre emancipação, é, sobre o protagonismo juvenil... eu não me identificava com as instituições que se diziam, né? Representar os estudantes, é representar os jovens. Por que eu achava que essa parcela que morava em SAICAS, em orfanatos, em CRECAS – [Centros de Referência da Criança e do Adolescente] né, na época se chamava CRECAS... é, era à margem, da sociedade e era à margem do sistema também, né?.

Acho que o jovem infrator, ele tinha mais visibilidade na mídia do que esses jovens dentro da instituição... porque, poucas pessoas sabiam que se eles trabalhassem... eles não poderiam sacar o dinheiro, não poderiam comprar uma roupa. Não poderiam ter algo do tipo. Então daí eu acho que veio essa... é... foi aí onde eu comecei a ter esse despertar... de, da atuação de militância, nessa área, de criança e adolescente. Quando eu estive no Helian, eu só era, bairro dormitório pra mim, né? Trabalhava na área hospitalar é... um eu comecei pelo CEMA – [Centro de Medicina Avançada], passei pelo Enoque, o último hospital que eu trabalhei foi o hospital Sírío Libanês, né... E quando eu vinha aqui no Helian é... eu con... é, eu vi algumas plaquinhas falando sobre associação de moradores. Me interessei e vim... e acho que foi paixão à primeira vista, né... eu acho que eu consegui, é, me ofereci já como voluntário pra atuar na área de criança e adolescente... só que aqui foi uma grande escola... ao longo desses anos todos e aí fui atuando... na área da saúde, na área da [habitação], [melhorias] urbanas, né? E trabalhar no Sírío Libanês e morar num bairro periférico também eu acho que fala muito sobre mim. Essa... essa dualidade, né? Essa cisão de mundos diferentes, é... fez com que eu... formasse a pessoa que eu sou, né? Quando a gente conversa com professores de universidades, a gente recebe muito é,

universidades estrangeiras, eles falam: "este garoto não tem uma fala periférica". [Risos] né? E eu não tenho uma formação, eu não terminei o Ensino Médio. Na verdade eu estimulo os jovens da minha comunidade a terminar o Ensino médio, mas eu acabei não terminando. Acho que é uma questão também, é... da gente se pensar, se... o nosso ensino público valoriza jovens que tem uma... é, altas habilidades, por exemplo. Acho que o tédio da escola pública... e a questão de mudar de instituição pra instituição, fez com que eu... eu largasse o estudo no terceiro ano do Ensino Médio, né? Hoje eu me cobro muito isso, né, hoje eu cobro muitos jovens pra fazer EJA, EJA, MOVA, CIEJA... e eu preciso fazer isso, mas por outro lado, eu acho que isso fala muito na questão do... de que a periferia também tem muito conhecimento próprio, né? Eu... eu costumo brincar que eu tenho um... uma formação de saberes natos, É... é muito interessante com a [integração] com a academia e com a universidade pública, o quanto que essa troca é... é... bastante vantajosa pra ambos os lados. Então acho que daí vem um pouco essa... essa, é... idealização de que um presidente da associação tem que ser um tiozinho, que não tem Ensino Médio, tal... não! A gente... Pode ter sim um jovem, pode ter sim um jovem que não vem [advindo] de universidade pública, que não tenha vindo de uma Mackenzie da vida. E pode sim representar, produzir conteúdo pra chamar atenção da ONU, da UNESCO, né? E provar que a periferia tem muito conhecimento, né? Eu acho que esse casamento do conhecimento teórico, técnico, com a capilaridade de uma representação, de uma liderança emancipada, eu acho que é fundamental pra gente desenvolver um país melhor, que a gente quer, né? Pena quê, isso não é valorizado, isso não é visto, isso é pouco comentado, né? Como eu falei pra você, a questão do... dos conselhos, né? Hoje eu estou presidente da Associação do bairro do Jardim Helian, né... bairro de quatorze mil habitantes. É um bairro que tem... é objeto de estudos na UNIFESP, na USP, é... recebemos aqui parcerias com universidades do exterior, faculdade de Innsbruck na Áustria, faculdade de Londres, de Barcelona, hum... faculdade de Buenos Aires, é... isso... isso muito me orgulha, né. Esse... esse movimento que a gente tem aqui chamou a atenção também, lá em 2014, do movimento MTST. Fomos cofundadores da Copa do Povo, É... eu acho que por isso que a gente é um caso a ser estudado, né? O Helian sempre é... a associação é um caso a ser estudado, porque a gente nessa era pós-moderna, né, de... são poucas as associações de bairros de raízes que sobreviveram, né. E que conseguiram se renovar e chamar atenção, né? Todo esses trabalhos com a academia, com os parceiros, o SESC, é... com os serviços sociais de... sociais, serviços de saúde, eu acho que fazem com que, todo esse material produzido, a gente consiga ser bastante combativo, ter bastante resiliência, né, e resistência perante o poder público, né. Eu acho que é... pra mim é muito vantajoso. Eu tenho

muitos mapas, né, eu costumo colocar eles naquele túnel de mapas, então quando eu vou à alguma reunião: “lá vem o Mohamed com a bazuca dele” [risos]. Porque você ter uma liderança com esse poder, esse engajamento, é... assusta muito, há... os gestores públicos, né? Porque eles têm um discurso já pronto, eles passam, né, a liderança para atrás. Mas quando você tem um conhecimento técnico... por isso é fundamental a parceria com as universidades públicas, privadas... E eu acho que a função da, da liderança, é, é isso mesmo, né? Trazer o objetivo dos parceiros, objetivo dos acadêmicos, para dentro da periferia. E... você... e você como liderança tem a obrigação de pegar as demandas individuais e torná-las coletivas para fazer a força, né. Não à toa, o nosso slogan é: “Poder Popular”, né? Porque aqui a gente parte do engajamento das famílias, do empoderamento delas, para lutas por melhorias de direitos é... melhorias habitacionais, é, urbanas, para a garantia de seus direitos. E, sobretudo, na época que a gente está vivendo, os desmontes dos conselhos e tudo mais.

Fernando CPDOC Guaianás: Opa, [risos] bacana! Uma trajetória interessante! É... deixa eu ver se eu entendi, em 2014... em 2014 foi quando você entrou... em 2011 foi quando você entrou, é... aqui... entrou aqui na associação, aqui no bairro, se aproximou... ou foi em 2014?

Mohammed: Em 2012.

Fernando CPDOC Guaianás: Em 2012, né. Aí... mas você... você chegou, você falou em algum momento que você estava passando aqui na porta, houve um convite, aí você entrou? Como é que foi esse processo, você entrou, você já tinha ouvido falar da associação? Como é que era a associação no começo, quando você entrou? Aí você fala um pouquinho da sua trajetória desde quando você entrou, o que você fazia no começo até agora aqui no cargo de presidente.

Mohammed: Eu não tinha, é... conforme eu falei para você, minha atuação era muito voltada à criança e adolescente, né. Aos 14 anos de idade, eu fiz uma procuração pra Promotoria de... dos Interesses Difusos e Coletivos da Infância e Juventude da capital, questionando por quê os hospitais não atendiam a gente conforme o ECA, que é uma lei de 92. Eles ainda continuavam com o código de menores, é... e foi o primeiro contato, assim acho, com a Instância Judicial, né? Que foi quando uma... uma comitiva de procuradores do Ministério Público me chamou, porque eles não tinham, na história, é... um caso de um adolescente que mandou uma petição para o Ministério Público. Eu fiz isso de maneira autônoma, porque eu morava na instituição. Então essa era a minha base, né, é... criança e adolescente. Depois, mais pra frente, era a questão do ECA, é... do EJA, que é o estatuto da juventude, né, hum... se sobrepõem um ao outro, ali entre os 16 e os 18 anos. E quando eu conheci a associação, ela não era esse espaço que vocês

conhecem hoje, né? É, a história dela começa, é... já desde a fundação do bairro, só que ela não é uma associação formalizada, né? Era movimento de mulheres sobre tudo e, é... e o bairro tem cerca de 60 anos, então assim, sempre teve movimentos, em diferentes épocas, de moradores em busca de asfalto, iluminação, saneamento básico, é... irrigação de água potável... e quando eu conheci a associação ela... fazia um ano que tinham tomado ela num processo de impeachment da antiga gestão, que ela era fechada. Mas, historicamente no Helian, sempre foi um bairro de resistência, de luta, né, então essa antiga gestão ela era fechada e usava a associação para interesses escusos, né? Então, em 2011, um grupo, é formado pelo Serginho, é... pelo Tarcísio, é... e pelo nosso saudoso Rodrigo Reis, é... assumiu a associação, né. No ano seguinte, eu me aproximei e foi um casamento, assim é... juntou a fome com a vontade de comer... É... eu comecei a estar lado a lado com eles como voluntário, né, e passei um bom tempo sendo voluntário, atuando aqui. E percebi que a atuação de uma associação de moradores é um complexo imenso, é... desde o habitacional, desde da zeladoria, e... passando por outras questões.

Fernando CPDOC Guaianás: Aí... você trabalhou de... você entrou como voluntário... então você está desde 2011... 2012, desculpa, aqui na associação. O que que ela faz assim, o que que ela... como é que ela atua aqui dentro? Como é que é a sua a relação também, com as atividades aqui dentro? Com o que ela propõe?

Mohammed: É, a associação ela... ela... quando ela... ela... esse grupo atual que assumiu... ela... ela teve um grande desafio que foi, é... desmamar o... a influência do tráfico de drogas no bairro, né. Na verdade, os trabalhos sociais que a gente tinha no bairro, não trabalhos sociais, mas... é no dia das crianças a entrega de brinquedos, ah... na Páscoa, a entrega de... de chocolate, por exemplo, isso era feito pelo poder paralelo. É, a associação entrou com vários outros tipos de trabalhos voluntários, todos, é, voltados para área social, fazendo parcerias, buscando parcerias, empoderando as famílias, é... e claro, é... pra reassumir a associação e mostrar que a associação é do povo, né? Fazer esse trabalho de educação social. Tanto é que a percepção dos moradores aqui do Jardim Helian, tem a percepção que não fala associação, fala sede, a sede do bairro. Tudo acontece lá, tudo é decidido lá, né, então, o nosso trabalho parte do engajamento dessas famílias, nessas questões, né? É uma luta grande de... de envolver as famílias para dizer que a vida delas não se resume a sua casa, né. Convocá-los para estarem... as reuniões normalmente são nos domingos, né. Hoje nós temos reuniões todo segundo domingo do mês, às 10h da manhã. Esse ano de 2020 é um ano excepcional, né? que é da pandemia. A gente fechou nossas atividades, até porque a gente também passou por um processo, no mínimo traumático, que é

o... acerca de um pouco mais de um ano a gente perdeu, é, o presidente de honra que era o... é... Rodrigo Reis. E... em cinco meses perdemos o nosso presidente José Germano Filho, né. É... eu acho que para qualquer instituição, é... um seria um processo traumático, né, sobretudo uma instituição que tem o seu trabalho voluntário, então é... bastante difícil, né. Então eu acho que é assim: a pandemia pelo menos ela, apesar dos apesares, é... acho que a sociedade precisava dá esse tempo, né, com a sua diretoria e é um desafio assumir agora a presidência dela, né. E a associação do seu estatuto, né, a gente tem... é, reúne nossos associados mas assim, ela... ela é aberta, ela é aberta, plural, a razão de existir dela são seus moradores... Então... muitas vezes, muitos moradores não são associados, mas frequentam, são atendidos por nós, temos trabalho para a terceira idade, temos trabalho para a saúde... e a maior bandeira ... e o maior carro chefe, esses anos todos, foi uma luta histórica do bairro que foi a luta pela UBS, né. Fazem três anos que a gente conseguiu, finalmente né? Com idas, protestos na Secretaria de saúde. A reivindicação de que saísse de uma casinha improvisada, né, para um prédio próprio né? Aqui, O Jardim Helian é imensamente populoso, né, é um dos últimos terrenos que a gente tinha que fica logo acima aqui, da, da localidade da associação, a gente pediu uma acordo decreto de utilidade pública. Só que, infelizmente, a grande ameaça que vem sendo nesses anos é a especulação imobiliária. Tanto de empreendimentos particulares, tanto quanto empreendimento sociais. É... mas a chegada do cemitério é... Jardim do Pêssego, ela realmente, é... revoltou a gente, né? Qualquer outro local, acho que não aconteceria o... a criação de um cemitério acima do bairro, né? É... matando as nascentes, né, e inviabilizando, né? o último terreno útil. A gente poderia construir uma UBS Integral... mas a associação não ficou parada, a gente arregaçou as mangas e a gente conseguiu, né, é quitar uma casa. E ao lado da casa uma firma onde foi construído a nossa UBS, faz três anos, uma UBS inclusiva, né, ela tem um elevador, tem dois pavimentos, 700 m²... a gente saiu de 350 m² sem acessibilidade nenhuma, pra uma UBS que realmente deu estrutura, tanto para os seus trabalhadores, colaboradores quanto para atender a população, né? Hoje nossa UBS é uma referência, inclusive por conta do seu conselho gestor, do qual eu faço parte, né? Que é um conselho atuante. E existe um conselho ampliado, o que é o conselho popular de saúde. Aliás, essa é uma pauta importante... que são os conselhos né? Eu ocupo também o conselho do Parque Natural... Sou secretário executivo do mesmo. Sou conselheiro da APA Parque Fazenda do Carmo. É... percebo que o trabalho dos conselhos ele é muito engessado na questão da representatividade da sociedade civil. Se... se você não tem... se você não for um autônomo ou um aposentado, inviabiliza qualquer trabalhador, qualquer trabalhadora, sobretudo na zona leste, que sai desses conselhos. E é de vital importância os

conselhos na sociedade civil, né? então parece que o sistema ele faz isso mesmo. Faz com que as coisas sejam dessa forma, então você encontra, muitas figuras caricatas nesses conselhos, né? Não que não existam conselheiros, já aposentados, que tem uma grande experiência e contribuir com essa experiência, isso é vital. Eu mesmo, como liderança jovem, é... eu aprendo com os mais velhos, né? E herdo as..., as lutas antigas, né, e tento fazer a ponte com os jovens, né? Você perguntou da minha atuação aqui, né? O que eu fiz a partir do meu amadurecimento aqui dentro? Foi trazer mais jovens para dentro da associação... É fazendo com que o nome da associação fosse divulgado entre os jovens e eles entendessem o que é uma associação de moradores, né? Hoje o bairro Jardim Helian, ele já é um bairro, já de uma grande maioria jovem, né? E essa... essa geração não vai ter as atuais condições de ter uma casa aqui, né, ou constrói na casa dos pais... né? dos pais, dos avós, ou não constrói ou é jogado à margem da cidade. E fora isso? Eu achei um... eu acho que o que contra, digamos assim, é... eu não entendi porque a gente não tinha uma atuação na área ambiental? Hoje eu tenho, eu hoje me considero um agente de inovação socioambiental, né? Acho que foi o termo dado pra mim, no evento da IEA né... na USP, é quando a gente estava discutindo o Cinturão Verde de São Paulo, né, que abrange 75 municípios e tal... eu acho que era o único representante de uma associação de bairro, né. É... essa dimensão, desse conselho imenso, que envolve 75 municípios, entre eles, né, nossa cidade, aqui que é a terceira maior cidade do mundo, é... torna tão mais distante a participação popular, torna tão mais distante a percepção da população comum sobre o que era o meio ambiente e o que é sustentabilidade, que eu acho que a associação ela tem muito a ensinar essas ONG, essas instituições sobre isso, né? O que vai fazer a diferença na atuação ambiental das pessoas justamente, é a diferença no dia a dia, na prática. Né? Você fazer uma campanha de troca de lâmpadas, por exemplo, é... você atrai interesse da população, que e isso faz a diferença, né? Isso faz a diferença econômica. É... (prática) praticidade. E a partir do momento que as pessoas trazem as lâmpadas antigas queimadas, e troca...

Mohammed: É... então hoje a minha atuação ela é assim, ela está... eu acredito que ela seja até uma nova profissão, né? O papel que o agente de... de inovação socioambiental. É... pena que isso não é reconhecido, não é remunerado, é... está no conselhos, ter uma participação ativa nos conselhos é uma de desafio! Se você ver, é... como eu falei pra você: se você não for o autônomo, aposentado, da onde vem sua renda? como você vai manter lideranças emancipadas, né? Muitas delas são cooptadas para estarem em partidos políticos, para estarem fazendo a política partidária, eu não tenho nada contra quem faz. Mas hoje é muito raro você ter lideranças

emancipadas que tenham a capilaridade de representar a comunidade. Eu costumo falar que: “o microcosmo Helian representa o macrocosmo”, né? Não é não à toa que foi palco, né, do... do curso de extensão da UNIFESP, campus zona leste, Instituto das Cidades “conflitos urbanos direitos a cidade”, né? É... porque aqui, todos os conflitos que a gente tem aqui, reflete o conflito de todas as grandes metrópoles que a gente tem. Né? Eu acho que o que mais chamou a atenção dos catedráticos... “e os professores da Unifesp até riem quando eu uso esse termo”, é ter essa organização, né... Recentemente eu dei uma é... é... falei na CBN, e eles pediram pra elencar os pontos positivos do bairro e os maiores desafios... Os pontos positivos que eu falei, é organização da sociedade civil, né? E é nesse ponto que eu me encontro, né. Onde que eu me encontro na sociedade civil? Hoje eu vejo como agente de inovação socioambiental, né? Ocupo o cargo de vários conselhos, e... a população no senso comum não... não tem essa percepção, né, porque são trabalhos voluntários, trabalhos altruístas, e é um desafio. É um desafio a extinção desse cargo, né. A extinção dessa... desse modo de praticar, né... então acho que a sociedade como um todo, ela deveria repensar isso, né? Repensar o papel desses agentes, acolher eles, acolher eles pra... pra que esses trabalhos se perdue, pelo tempo, né. Tenha, tenha a continuidade né... porque a gente vai, a gente acaba deixando esse plano, né, meio que os projetos pendure pelo tempo.

Fernando CPDOC Guaianás: Você tinha... você tinha falado uma... uma questão aqui, uma dúvida para você explorar um pouquinho mais pra nós, acho que tem muito a ver com sua área ambiental, assim? Primeiro como você chegou nesse conselho, como é sua atuação no conselho do parque, no conselho do Parque do Carmo, na fazenda do Carmo? dá uma explicada sobre essas diferenças de parques, pautas, como é que é a sua atuação dentro dos conselhos? E isso tem a ver também com as nascentes do rio no cemitério... você também falou que chegou um cemitério que danificou as nascentes... É... existe... têm uma relação? Com essas duas aí? Fala um pouquinho sobre a sua luta no meio ambiente... o conselho?

Mohammed: Como eu... eu na verdade... eu não sou nato daqui, e sou visto por uma grande maioria como estrangeiro. É... quando eu vim pra... pra essa região de São Paulo, é... eu achava muito interessante, o... o parque... hoje eu conheço, né? Hoje eu tenho conhecimento, é o Parque Natural Fazenda do Carmo, mas eu via aquela imensa mata verde, aquela ilha de... de mata Atlântica, né? E me lembrava muito aquela série, é... É uma série da Globo que... que era a... A Muralha, né? É... na minha mente vinha aqueles sons indígenas e tal. E eu achava muito

interessante essa região por ter um parque urbano, por ter... Até então eu conhecia só conhecia parque urbano. E achava maravilhoso, né, é... só que eu não tinha ciência do Parque Natural, né? A função dele. Inclusive, o Parque Natural, ele... ele foi o primeiro... a primeira reserva de proteção integral da zona leste, e da cidade de São Paulo, foi o primeiro conselho, né? É... na verdade? Ele parte aí, da luta do..., da luta histórica pelo fechamento do aterro sanitário ali, de São Mateus, né? É... eu acho que deveria até um monumento, a respeito disso, né? Porque... as famílias se acamparam, lá na porta, não deixaram mais os caminhões entrarem, né? Hoje é... e hoje você não tem qualquer referência pública, né, visível disso, né? É uma história muito rica, né? É... Tem essa circunvizinhança, como uma grande mata verde, como uma grande chácara japoneses... E eu parei para pensar e constatei comigo mesmo, nos levantamentos que eu faço, e daí eu não entendia... não entenda, porque não tinha engajamento, né? Fazendo já parte da associação, entendo uma atuação social muito forte, mesmo não sendo um assistente social de formação, é... eu comecei a me interessar por essa área. Comecei a participar de reuniões, e a associação foi convidada para ter um assento no Conselho do Parque Natural Fazenda do Carmo. Eu assumi, essa função, e comecei a entender mais sobre... sobre a atuação do conselho que era o Parque Natural Fazenda do Carmo, até então a gente não tinha nossa sede... nova. Até então ele não era aberto ao público. E a diferença dele pro Parque Urbano, né? E tudo isso incluído dentro de uma outra instância estadual chamado APA Parque Fazenda do Carmo, que hoje eu sou conselheiro também. É... eu achei incrível, como a gente trabalhava ali, e às vezes, né? Nas discussões dos conselhos a gente discutia muito mais o sexo dos anjos do que a prática da população no torno, né? Então se você queria engajamento pro entorno, eu acho que eu era a pessoa ideal pra tá lá, né? Porque eu tenho uma grande capilaridade com a população, pelos levantamentos que eu fiz, né? É... algumas pessoas me perguntaram até pra uma agenda 21, porque que eu fiz certo o levantamento, tais como censo da juventude e o censo religioso, né? Esses aspectos não visíveis de uma comunidade, que fazem total diferença para você entender a dinâmica de como as pessoas vivem. Né? Os aspectos visíveis são: auto construção, é... a parte que é loteada, a parte que está em processo de... de especulação latifundiária, a falta de saneamento, né? Aí, esses são os levantamentos que são visíveis, que você pode constatar, mas eu não visíveis? Que fazem mais diferença? Então eu constatei através desses levantamentos, censo da Juventude, que eu subdividi os jovens, em vários grupos diferentes, vários grupos de atuação diferentes, de que segmento são? São da igreja católica, são gospel? É o grupo majoritário? Quem é do grupo do narguilé, do copo de 700ml de whisky, com gim de coco? Tem a galera que é do Muay thay, tem a galera dos x-games, né? Tem os darks - que você só

encontra após às 18h, né? Então eu... eu pesquisei, vi, é... quantos deles têm filhos, quantos já terminaram o ensino médio? Até porque minha atuação forte é isso. Então esses são os aspectos não visíveis. Por outro lado, eu fiz o censo religioso, né? Constatei que aqui no Helian, a gente tem uma igreja católica, uma comunidade católica muito forte do passado, hoje em dia nem tanto. É... nós tínhamos uma Seicho No Ie. Nós temos dois terreiros, um de umbanda e outro umbanda-candomblé. E temos dezesseis igrejas evangélicas, né, que a gente sub divide em cinco categorias diferentes, né, as tradicionais, né? a protestante, a pentecostal, neopentecostal e a contextualizada. Então algumas pessoas perguntaram por que eu faço tanta subdivisão, por que eu pesquiso tanto, né? Parece até que eu sou um acadêmico. Mas não. É pra entender a minha população. Poder, entender, para atender, né? E eu tenho que atender a todos. É... aí a gente começa a entender como funciona a dinâmica das pessoas e se infiltrando nisso? Porque a disputa que a gente tem aqui é por corações e mentes, né? Com as igrejas, sobretudo, né? Então a gente tem que fazer um trabalho pra... dizer que assim: olha, fazer trabalho social na associação, não é se assentar na roda dos escarnecedores. Aí e algumas pessoas perguntam: “mas porque você tem essa visão?”, talvez porque eu não tenho uma visão cristã-judaica ocidental, né? Eu venho de outra formação. E aí, é... eu consigo ter esse distanciamento, me permite ter essa visão, pra poder ter um trabalho de gestão aqui local. Né? E hoje, já estou no patamar de poder é... ajudar outras comunidades a ter essa mesma visão, de poder ter propriedade, de estar numa universidade Mackenzie, na USP, palestrar, e desenvolver trabalhos importantes.

Fernando CPDOC Guaianás: É... você fala uma coisa interessante, os jovens aí... como você chegou a falar um tempo, uns minutos atrás, que os jovens frequentam... sua busca trazer os jovens para dentro da associação, e aí você agora no conselho, também tem essa... essa pauta de levar o jovem para os conselhos, de mobilizar os jovens, como que é essa... essa relação com os jovens, ele consegue... eles participam, eles trazem suas pautas?

Mohammed: Eu acho que é... eu acho muito interessante, é... porque é muito... muito... muitas... instituições classificam, muito difícil trabalhar com adolescentes, jovens. Mas pra não é difícil. Acho que falta... falta escutar, se a gente perceber a sociedade como um todo a gente vê, que a gente vive na era da informação... e eu achava muito curioso porque os jovens viviam com aqueles fones enormes... e eu acho que isso tem uma representatividade muito grande, que é quê: “vocês não me escutam, não quero ouvir vocês”, né? Então na escuta, tanto pro o jovem, que tá com problema com a justiça, que é o jovem que está envolvido no tráfico, tanto com o

jovem que é da igreja, que é doutrinado, todo certinho, ele precisa também ser ouvido, né, é... eu costumo não nivelar por baixo, então a mesma atenção que eu dou ao jovem que precisa passar por uma fundação casa, uma casa de passagem, [som de carros na rua] eu dou ao jovem, pra que... está dentro da igreja, por exemplo, e ofereço o espaço da associação, pra ele desenvolver o trabalho dele. Porque quando eu estava na minha formação, eu lia muito sobre, é... é.. é uma situação do jovem, é... sobre o trabalho de protagonismo juvenil. Então hoje eu estou numa posição de estar à frente de uma associação e ter um espaço para oferecer e dizer realmente ao jovem: “olha, aqui é uma folha em branco”, desenvolva o trabalho comigo. Parto do princípio primeiro de primeiro que a da escuta e vê o que os jovens se identificam pra poder, pra poder trazer ele para associação. Então, se ele desenvolve um trabalho com futebol, eu tento ver parcerias, é junto aos nossos parceiros do SESC, junto a outras instituições, é pra trazer ele, desenvolver ele nessa área. Eu acho que o grande pecado, imenso, de coletivo de partidos políticos, é pegar os jovens potenciais das comunidades carentes, levar pra uma formação política, lá para o centro, porque aí o que acontece: dá um [overbooking] de informações na cabeça dele, quando ele volta para sua base ele já não encontra os seus, ele já não encontra ressonância pra suas ideias. Eu acho que deveria ser um processo contrário, empoderar ele na sua base e aos poucos ir fazendo um trabalho de... de educação social com eles, mas fortalecendo naquilo que o jovem, é... de tem de interesse dele. Aí sim nós temos os jovens participativos na política, aí sim, nós temos o jovem participativo em associações. Então é aquilo que a gente faz, como a gente fez no plantio de árvores, como a gente fez é... nós diversos trabalhos que a gente tem, no dia do bem, que a gente entrega diversos serviços. Eles ajudam. É... é incrível ver como eles são colaborativos, né? É... há dois anos atrás, por exemplo, eu fiz um... eu me... me propus o desafio de fazer um pancadão pros jovens, né. Na verdade eu nem deveria esse termo, né? Na verdade eles queriam fazer um bailão. Eu falei: “bailão não vai rolar!” Né. Mas como era uma véspera de feriado, eu me propus a buscar junto aos meios, né... A subprefeitura. A prefeitura e a CET, fechar a rua, né? É... e promover esse baile, né. Com as regra de controle, porque se a gente ignora isso a gente tá tampando o “sol com a peneira”, né? Porque isso é um movimento cultural, é movimento espontâneo e ninguém faz nada a respeito né? Recentemente a gente teve duas tragédias. Uma em Paraisópolis, que ceifou a vida de 9 jovens, é... uma antes, acho que 2 pessoas morreram em Guarulhos né? No tal está “Baile do vermelhão”, e aqui no Helian, há dois anos atrás, a gente mostrou que era possível fazer diferente né? É eu não fiz enquanto membro da diretoria da associação, eu fiz enquanto pessoa física, porque ainda há resistência até mesmo na associação. Há um [deep state] aqui. É... Os

mais velhos têm uma certa resistência. Então assim, é tá mais do que na hora, da gente fazer essa ponte. Fazer o pontífice, né? Fazer a ponte entre a velha guarda e a nova geração, pra que haja um consenso de que a [gente]... é possível sim, fazer um dia de lazer pros jovens né? Sem bagunça, sem algazarra, sem ter interferência do crime organizado, pra eles promoverem, é o divertimento deles né? Porque se não a gente sempre vai ter isso né. Então quando eu promovi esse evento, eu peguei a autorização com a CET, com a prefeitura, mas não tive... mas, a polícia militar apareceu, é... enquadrô lá tudo, e eu mostrei todos os papéis, é... mostrei que era tudo legalizado, e aí os próprios policiais desconheciam, né? Como que poderia fechar a rua? Tudo... Se era a CET que fazia isso?... eu falei não, mas isso é um processo da CET, a CET já conhece o local, manda fechar com a fita zebra, a gente fez a limpeza da rua. Fez o pós limpeza da rua e se não tivesse ninguém para orientar esses jovens, eles fariam de qualquer maneira. E a polícia viria para a truculência de sempre, e deixaria rua suja, haveria tumulto. E no final das contas, a polícia até me parabenizou pelo trabalho né. E foi uma coisa bem familiar assim. Então é assim possível a gente fazer diferente, né? Porque se a gente não ter esse olhar, sobre os jovens, e nem entender como eles funcionam, a gente jamais vai sair da teoria, é... pra prática né, e realmente ter jovens atuantes e jovens que se sintam incluídos né. E para eles têm isso né? Ter um baile organizado, no próprio território assim foi o máximo para eles, né? Porque os mais jovens começam a se espalhar nos mais velhos, então as práticas ruins vão passar de um pro outro, se a gente não interferia agora, talvez seja tarde no futuro.

Bom, nessa atuação dos conselhos eu percebi que existe uma instituição chamada e DGD Divisão de Gestão Descentralizada, que foi extinta, né. Eu vi uma reunião que eles falavam sobre educação ambiental, mas eu não... eu questionei porque eu não... não existe educação ambiental no nosso território, né? Mesmo tendo esse potencial que a gente tem, né, de áreas verdes e com... fazendo o diagnóstico dos nossos jovens e constatando que eles sofrem de um problema chamado “bairrismo”, eles não saem dos seus bairros, é... eu pensei em maneiras de colocar eles em contato com esse universo, né? Daí a gente desenvolveu não só os conselhos, mas também em parceria com uma área de valorização de pessoas do Sesc né? É... cursos, né, de atualização, cursos hoje, a gente tá é... idealizando um curso de é... de monitores ambientais aqui, na zona leste, pra a gente pegar esses jovens, e dar renda para ele, porque não adianta também você instruir os jovens, se a gente não conseguir mantê-los uma renda, sobretudo, jovem periférico né? Eu sou uma exceção à regra, né, de ser altruísta ao extremo, mas eu pago um alto preço por isso. E essa atuação dos conselhos, e essa atuação social dentro da associação,

tais como: troca de lâmpada, redução de conta de luz, a gente praticamente hoje o parque do Jardim Helian, a gente não tem, é... gato, mais, né? A gente conseguiu fazer a redução da tarifa social. É... a gente fez com isso, é... a mostrasse que faz uma diferença enorme na vida das pessoas. Alguns acusam de ser assistencialismo, clientelismo na minha visão: “é pão na mesa do trabalhador, né? A gente colocar a eles por quê?”

Ele de repente tem um gato não porque ele quer, mas é porque ele não pode pagar as altas taxas da Sabesp da Enel, mas aí você colocando eles, mostrando que ele tem direito a tarifa social, a tarifa de energia baixa você dar dignidade a essas famílias né? Ela vai ter um endereço, comprovante de endereço, ela vai conseguir pagar sua água direitinho. E o produto água gente tem que valorizar, sobretudo nessa era que a gente tá vivendo. É todos esses trabalhos, é fez com que chamasse a atenção é da ONU, né, através do Instituto Cidade Sustentável, que entrou em contato com a Universidade Unifesp né, que a gente tem parceria e trouxe pra gente uma novidade um projeto até então um pouco [desconhecido] conhecido pra a gente, que era... a temática dele é: “Implementando abordagem de vizinhança de São Paulo, a partir do levantamento das prioridades urbanas e locais do Jardim Helian” né? E era PNUMA - Programa das Nações Unidas pro o Meio Ambiente, né... nossa que honra e privilégio ser o território escolhido em São Paulo no Brasil e no mundo pra ser pioneiro nesse aspecto, de tornar um bairro sustentável.

Esse projeto ele foi exportado pra Bartica na Guiana, Medellín na Colômbia, e pro Canadá recentemente, né. E o que eu achei mais importante foi que a associação era só uma coadjuvante dentro do processo todo né? Unifesp, Instituto Cidades Sustentáveis, Redes Nossa São Paulo. Mas ela teve um projeto... um processo... um papel de protagonismo né? Por que? Esses levantamentos partia da gente ter é... entrevista com os moradores né? e aí a gente tinha todas... é... perguntas e levantamentos específicos sobre cada eixo, acesso ao serviço de coleta de lixo doméstico, destino de resíduos, né? Construção de ecoponto, É... tudo isso... é... esses são relacionados aos objetivos da OCDE [Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico]. E aí o que acontece? Todo esse levantamento a gente passou pelo nosso... pelo... pelo nosso aval, e a gente fez uma renovação dele né? É... foi produzido por acadêmicos, mas veio pra a gente, bateu, e a gente falou: “não vai fazer sentido na maneira na vida das pessoas, volta... refaz... volta ... refaz!”. Então assim... a associação ela começou a produzir conhecimento teórico é técnico né? Isso foi muito importante né? É... hoje em dia a gente tem,

além do filme que foi feito e teve estreia mundial, com Primaveras Periféricas, né... é no Sesc, né? É... Hoje a gente tem um plano físico e financeiro que a gente tem como objetivo implementá-lo né? Eu acho que é... a gente agora tá buscando parcerias pra implementar ele.

E no ano de 2019, a gente teve... foi convidado pra décima Conferência Internacional de Educação Ambiental, e pra a grata surpresa minha e do nosso saudoso Rodrigo, né... foi um dos últimos eventos que eu fui junto com ele. É... o Jardim Helian teve bastante destaque! Né? Ele foi uma das 35 iniciativas a serem incluídas no livro “Modo de Viver Sustentável” ... né? Ideias que fossem por longo tempo e a gente foi, palestrou sobre: Como ser Comunidade? Né... e fora isso... a gente tinha outras parcerias lá com... o Lucas Longo que foi gestor do Parque Natural do Carmo, que tava lá com o projeto “Observação de Aves”, estava lá também o Aragão do projeto “Vai Vila”, também, que teve uma atuação aqui no bairro... É... eu fico muito... é... foi muito gratificante ver no mapa da capital o Jardim Helian, né... incluído né? e a gente vê que uma associação de bairro que não tem recursos da Prefeitura, do Estado e até mesmo da arrecadação dos próprios associados né? que a gente aqui paga para trabalhar! É... pôde alçar voos tão altos assim né? E sempre quando eu vejo essa foto... é... eu me emociono bastante porque eu não tem como falar da minha trajetória sem mencionar o Rodrigo Reis, que eu acho que foi uma das... das minhas referências é enquanto o irmão de luta... é... nele eu encontrei é... meu alter ego... É... a gente trabalhou esses anos todos juntos... e ele deve estar muito orgulhoso de eu ter assumido a presidência da associação. e quando eu vejo esse... esse tema que deram aqui... é... “Sempre... é Sempre na Luta!”, eu transformei ele... no “Luta Luta!”, né? É... não abandonei os trabalhos, eu continuei firme, mas eu sinto muita falta do meu companheiro, né, de trabalho, de vida, de irmão mesmo... porque eu nunca vi uma outra liderança como ele também mesmo trabalhando dentro de mandatos políticos ser tão emancipado quanto ele era... né, tão guerreiro como ele era. Batendo até no próprio partido... e eu aprendi muito com ele... e eu guardo as palavras dele que ele falou assim: “olha eu aprendi muito com muitas pessoas mas acredito que você vai me superar”, é... ele era muito generoso nesse aspecto, e pra mim ocupar um lugar que já foi dele é uma tremenda responsabilidade e eu fico muito grato e ter um agradecimento especial pelo Sesc, de poder ter me proporcionado essa de viagem para gente ir lá em Sorocaba apresentar. Então a gente saiu no livro... e tinha...tinha... tolkiens enormes é... que a gente também fez parte de uma exposição: “Corpos, Territórios e Saberes: modos de Viver” né, onde a gente gravou aqui no Jardim Helian... é um documentário sobre a associação, sobre a nossa atuação aqui... e todas as outras iniciativas, é elas perguntavam: “mas onde fica o

Jardim Helian?” tudo acontece lá? ahm? E eu aprendi com Rodrigo que a associação ela... ela não é... ela não é um prédio... não é o local, é as pessoas que fazem a diferença né? Eu acho que nos dias que nós vivemos hoje em dia, cada vez mais está difícil encontrar pessoas que se doam, tanto assim, pras suas comunidades e é difícil você ter o reconhecimento, tanto dos seus moradores quanto dos seus pares de trabalho, de coletivo... eu acho que tá faltando pelo nosso país isso, né? A gente deixa de ser uma sociedade pra ser um bando, desorganizado, cada qual um no seu canto, isso é isso me gratifica muito... Além desses trabalhos, ter tido também um trabalho... com a IMESUS, né, com a faculdade de Innsbruck da Áustria, falando sobre o Cinturão Verde de São Paulo. Entendo toda essa atuação, né... repercutiu bastante na mídia, CBN né? Carta Capital... é em vários fóruns. É... essa atuação forte é necessária pra essa região específica de São Paulo né, você tem muita... a maior reserva que biodiversidade da região Leste de São Paulo é impossível que você não... não tivesse envolvimento da associação Jardim Helian ali, também... e endossando isso né? Eu espero que todo esse projeto decole... saem do papel muito dele já saíram e a gente persista nisso né... resiliência de estar ali sem ter remuneração, é... emancipado mais participando... indo nas reuniões ordinárias, nas câmaras técnicas né, nos grupos de trabalho porque precisa realmente ter a participação da sociedade civil, né? Eu tive algumas falas na Secretaria do Verde. O próprio parque urbano, né, passou por um por um abandono imenso, sem a fala... é... sem estrutura nem de energia elétrica por 6 meses, sem o... a... manutenção do prédio. Que levou a GCM Ambiental, pra sair daqui estar locado no cemitério da saudade, então assim, essa região carece muito disso, dessa luta... Eu acredito que esse papel de inovação socioambiental seja muito importante né? E por isso tenha... tenho essa... esse posicionamento.

Fernando CPDOC Guaianás: Bom, eu só tenho uma... um... Talvez seja uma das últimas perguntas aqui... eu acho que... se é possível você falar também do... a associação ou... ou você como conselheiro, como liderança, o que que teve alguma... alguma pauta, alguma luta ou algo que não se concretizou? Foi uma derrota ou falou? É... sei lá... vocês se mobilizaram e não deu certo?

Mohammed: Olha, eu divido, divido as... as lutas aqui da associação, o carro chefe era a nossa UBS, né? Com a conquista dela aqui é... ainda não é da maneira como queríamos... o prédio próprio é um prédio locado... é... eu diria que uma das [outras] lutas importante foi a luta do zoneamento, né... a região do Jardim Helian tava como prioritariamente industrial. Isso inviabilizaria ah... chegada de equipamentos públicos, único equipamento público que a gente

tem dentro do bairro é a UBS né? Agora uma derrota importante que a gente teve, porque eu divido em dois momentos, né... A chegada da Universidade Federal de São Paulo, circunvizinha da gente aqui, que pode é... através dos cursos de extensão, e pôde ter essa troca, que acho que foi muito vantajosa... acho que essa simbiose fantástica, é... isso empoderou a gente bastante, assim como também, acho que eles tiveram um... um grande salto, né? de visão... de organização de comunidade é uma das derrotas foi a chegada do cemitério, a instalação dele que a gente tentou barrar. A gente tentou fazer de um tudo. É... Essa questão da especulação imobiliária que tá afetando essa região de São Paulo como um todo, né? a derrota maior que eu poderia assim, falar para você, foi a Chácara da Bachan. Chácara da Bachan é... ela é vista no mapa desde 1954, né? Ela tinha a Chácara e uma flora, É... por que aqui a gente pertencia ao grande Cinturão Verde São Paulo, né. Os pioneiros daqui foram os japoneses, e ela teve a primeira piscina da região né... a gente tá na terceira geração aqui no Helian, e no qual os avós falam sobre a Bachan, né? que ela tinha ela cobrava, lá pelo tempo que as crianças utilizavam uma piscina, muito antes do Sesc chegar. O Sesc é de 1962. É... o pessoal ficou com uma memória afetiva muito grande, né. Tinha um Jardim de Bonsai e preservar a última plantação de pêssigo né, faz muito sentido, porque a gente está ao lado da... o Jardim Helian faz limite com avenida Jacu Pêssego., e a gente pediu, através da embaixada do Japão, através da Universidade Federal de São Paulo, para levantar todos a documentação, pedir para os órgãos de tombamento patrimonial entrar no ministério público mas infelizmente perdemos... hoje a Plan e Plano construiu 4 Torres e a perspectiva de construir mais duas, além do cemitério, a gente tem uma Vikstar que uma grande Call Center, que na verdade é um grande elefante branco pra nós, porque não emprega a mão de obra jovem do bairro, é... e traz tem alguns transtornos né... por que a gente... é previsto pelo... pelo zoneamento da cidade ou alargamento viário, né. O plano diretor aliás. É o alargamento viário da Iososuki Okaue, da John Speers, Malmequer do Campo e a gente não vê isso né? E além desses empreendimentos é... predatórios particulares, a gente tem empreendimento social, da Copa do Povo, que é uma luta justa, somos cofundadores, mas nos assusta também, a questão do impacto que isso vai trazer pro o Jardim Helian né? Não só no aumento populacional, mas também é... na questão de escoamento de águas. A questão do esgoto. É... são questões que a gente, é... se pergunta se questiona, se vai ter desapropriação aqui no Jardim Helian... é... devido às grandes obras né, o maior projeto minha casa, minha vida entidades do Brasil, né, não é pouca coisa, né. No bairro vizinho a gente tem ah... a... outros empreendimentos, sendo construídos e o interessante que nós levantamentos nos cursos que nós fizemos a gente constatou que não tem uma rede coletora... aqui, na região.

Não tem uma rede coletora de esgoto, né? Nosso esgoto aqui, é só tem a rede, a rede da Sabesp. Uma rede de afastamento, que joga no túnel no córrego que passa pelo bairro... é... você tem 30% do bairro que tá em processo de regularização fundiária, que é uma rede própria, que os próprios moradores construíram, são mais de 300 famílias. E você tem a não rede que são é... são as casas que são a... em cima do rio, ao lado do rio, né, que são os fenômenos da casa cuti que vocês vão poder constatar. Então é... esse projeto do PENUMA ele trouxe também, é... ele é exportado porque a gente tem vários cenários aqui no Helian que podem ser aplicada em várias regiões no Brasil, como no mundo. Você vai pra Amazônia por exemplo, você só vai ter as não redes que é as palafitas e o esgoto vão direto pro rio, né...

Então a gente a gente... na verdade, eu fico muito orgulhoso que esses... que esses... tá mais que na hora, que esses projetos que a gente desenvolveu aqui do Helian, sejam aplicados e replicados né... É... por enquanto, essa parte do levantamento todo que a gente fez, para tornar o bairro sustentável ainda também não saiu do papel né? É um grande questionamento, mas com o aval da ONU, a gente conseguiu galgar é... de uma discussão regional daqui da Sabesp de Itaquera pra Penha e da Penha pra Pinheiros, chegar na diretoria da Sabesp, isso é muito importante né? Você pegar uma simples associação de bairro e consegui chegar na instância que a gente chegou, mas ainda isso não... não... é concretizado o plano de saneamento aqui do bairro né? Assim como desde 2014, a gente através do escritório modelo da PUC, a gente tem um processo de usucapião de 30% do bairro que é a [Sugoi] e a Vila Califórnia que fazem parte do Jardim Helian, e agora em parceria com a Peabiru [assessoria de arquitetura e urbanismo] a gente está... tá no processo da REURB, da REURB S, né... então a gente entrou também de novo na discussão do saneamento aqui. Eu pra mim eu acho um absurdo, né? A Plan e Plano conseguir não puxar dois quilômetros de dutos de esgoto, saindo aqui da Jacu Pêssego, entrando na Iososuki Okaue, e tendo uma... uma exclusiva uma... bomba de elevação, né, de esgoto, só pra eles, e o Jardim Helian? Que já está na luta há anos... por saneamento e não tem respaldo não tem retorno da Sabesp, que é de competência deles desse retorno pra gente né? Muitas das ruas a gente fez ofícios, sobre o escoamento da água, a gente não tem né isso é uma bomba relógio, qualquer momento a gente vai ter... quando tem grandes chuvas aqui, a gente já tem um retorno do escoto nas casas, a gente já tem alagamento né... e no passado, aqui realmente era uma região que sofria muito com alagamentos, ne?

Fernando CPDOC Guaianás: Bom... sobre o... agora... ah, desculpe...

Mohammed: desculpe eu tinha...

Fernando CPDOC Guaianás: pode falar...

Mohammed: eu ia falar também na creche...

Fernando CPDOC Guaianás: pode falar...

Mohammed: É... outra luta que a gente... é que ainda não alcançou é uma creche dentro do bairro né? A gente tem uma demanda muito grande de crianças por creches, e a gente não... a gente não..., não consegue vencer essa fila né? Foi feita uma creche a gente tinha um projeto de uma creche grande para atender, mas infelizmente a DRE veio com outro não deu, mas mesmo assim não deu para contemplar todas as crianças do Jardim Helian.

Fernando CPDOC Guaianás: É... sobre... sobre a questão da... da pandemia: Acho que só faltou esse tópico, assim... Como é que os moradores como é que os moradores se organizaram em tudo na pandemia? Associação? você também? vocês tiveram algumas perdas ou não? Como é que... teve auxílio do governo com relação ao combate a pandemia?

Mohammed: Esse ano é um ano muito atípico, é... a gente viveu o COVID-19 aqui no Jardim Helian de uma forma muito traumática, muito intensa, a gente montou um comitê de combate ao COVID né? liderado pelo Serginho, que faz parte da diretoria. É... nós não tivemos por parte do poder público, nenhum respaldo certo? Até questionamos a área de saúde, acerca de algumas coisas, é... nós tivemos o apoio é... do Sesc. E... eu particularmente é também fiz parceria com o grupo chamado “Guardiões pela Vida”, nos quais, professores de ETECs, FATECs, é... produzir é... através de doação de material, é na impressora 3D, Face Shield, e doava pros hospitais, para o UBS aqui da zona leste o que me chamou muita atenção... é dentro da diretoria eu sou mais novo solteiro, apesar de pertencer ao grupo de risco, eu me lancei nessa empreitada de ir aos hospitais fazer essas doações, por que enquanto as pessoas estavam em casa né? enquanto a gente tinha um comitê de combate ao COVID aqui fazendo essa parte assistencial, eu fui a pessoa responsável por é... ir nos órgãos, no conselho tutelar é no CRAS no CRES, pra poder fazer essa ponte com a população, né? Porque a violência doméstica aumentou, as crianças em casa também, então é... inclusive tem um memorial das percas que nós tivemos aqui. Acho que aqui foi sentido muito na pele isso, porque assim... o Jardim Helian é bem unido, né? Então cada perca fez falta, né? O Serginho fez um memorial da perca de cada morador aqui que nós tivemos aqui e nos assustam muito isso, né? porque como é uma comunidade muito unida, cada perca faz muito peso, né? Inclusive, o nosso saudoso presidente José Germano filho que foi vítima da COVID-19 né? É... A gente tentou se precaver o máximo possível produzindo

máscaras e distribuído para a população, distribuição de álcool em gel, de cestas. É... e eu indo já nessa outra parte de ir aos hospitais, em serviços públicos ofertando para proteção dos trabalhadores que estavam na linha de frente... é... eu acho que é assim: não somos uma um Heliópolis uma Paraisópolis que serve como vitrine, mas fizemos muito mais né? Nesse sentido de... de atuação no combate ao COVID, né? é... nossa UBS também teve um destaque importante nisso. É... só que a gente sabe as limitações da gestão, dos funcionários, né? A gente teve uma defasagem de funcionários dentro da UBS muito grande, é... então a gente tem que ter essa compreensão também né... trouxemos de fora parceiros para fazer o teste né, com a população, é e eu acho que... esse é essa pandemia ela trouxe uma mudança fundamental assim, que eu acho que a... a visibilidades do SUS e a necessidade que as pessoas têm de assistência. Por outro lado, a gente não pode ficar só no assistencialismo e no clientelismo a gente tem que dar autonomia para as pessoas e deixar os equipamentos a serviço das populações, né? a gente teve outros casos... é... casos de internações compulsórias psiquiátricas que se faziam necessárias durante a pandemia e não acontecia, né? isso também é uma questão que a gente vai em debate mesmo, a gente vai pro embate, que a rede não funciona, a gente tem que se comunicar com UBS, tem que se comunicar com a CAPS, que tem que se comunicar com os serviços sociais, e a gente está aí para mediar esse papel. Na verdade a gente causa até uma certa estranheza porque os serviços não estão acostumados, ter uma atuação de uma associação que faça tantas coisas ao mesmo tempo, É... às vezes a gente tem que ter ... ouvir: você é não representa nenhum serviço sendo que a gente representa a população.

Renata CPDOC Guaianás: Aproveitar isso... vocês falaram vocês tentaram fazer um documentário vocês apareceram em alguns livros... Como é que vocês cuidam da história da associação? da história de vocês, vocês guardam vocês têm um lugar um álbum de fotografia como é que vocês cuidam disso?

Mohammed: Bom nós estamos... o Serginho que faz parte aqui da Associação, ele é historiador, ele é tesoureiro da Associação, então ele está desenvolvendo um livro, né, se não me engano... “Se essa Vila Fosse Minha?” né. Então a gente teve um processo de entrevista dos moradores mais antigos. Mas até mesmo antes disso, é... os trabalhos junto com o Rodrigo Reis, é... a gente sempre consultou os mais velhos, né? A gente tem uma atuação muito forte com a terceira idade aqui né, e sempre tivemos a consciência de que... herdamos lutas do passado. A luta da UBS, por exemplo, tem 30 anos né? Então fomos buscar saber quem eram essas antigas

lideranças né? Então a gente reconheceu na dona Fia, que é uma figura aqui do bairro, é... que ela se reuniu com a igreja católica na época, sendo ela uma das primeiras evangélicas, lá muito tempo, então ela até relata um pouco dessa história, né? A gente tem um documentário, é... “Jardim das Memórias” que está no YouTube, onde ela conta essa história, da... da busca por melhorias, é... no Helian, porque essas mulheres foram pioneiras né? A gente tem a mãe da... de uma agente comunitária aqui que chama Socorro, também, que foi presidenta da associação, a própria mãe do Rodrigo Reis, a dona Juraci, uma mulher que sempre foi... esteve à frente aqui da... das melhorias do bairro... mesmo antes de ter uma social formalizada, né? A Maria, nossa coordenadora de espaço, ela esteve em todas as gestões da Associação, né... nossa vizinha aqui de lado. E... nós temos a professora Maria Helena que dá aula aqui no MOVA, nós temos a Cida hoje nossa conselheira fiscal, é... meu projeto é que a próxima gestão seja uma mulher né. O pessoal questiona muito que tem muitos homens, mas assim, não... no dia das mulheres, as mulheres têm que ver se tem lugar. E a maior participação dentro da associação é de mulheres, tá? São mães, é... a mulher é fundamental na sociedade e são mães, mães que vem aqui questionar que os [teles] foram cortados, e esse grupo de mães vai ao ministério público. É... são as mães que brigam por consultas pelos seus filhos. É... a atuação feminina aqui é muito grande. Viu? A gente só está aqui mesmo cumprindo tabela [risos].

Renata CPDOC Guaianás: É só uma última curiosidade, é a uma última mesmo. Você comentou muito sobre a sua formação... ela é diferente de uma formação judaico-cristã, qual é a sua formação?

Mohammed: Esse distanciamento do eu falo né... da cultura judaico cristã ocidental, faz, tem tudo a ver com essa questão do altruísmo e do voluntariado, né... exacerbado. Assim né? Somos criados no Islã né, é do Islamismo e... é daí que vem essa formação essa visão diferenciada, né. Dessa formação... da minha ascendência por parte de pai, e... esse trabalho todo que eu tive, essa aproximação com o mundo Árabe é... faz com que eu tenha outra concepção de sociedade né? Eu acho que é fundamental no Brasil de hoje, no retrocesso que a gente está tendo tem uma, uma... digamos assim, um contraponto diferente né? Eu estou inserido no bairro onde a maioria cristã. É... você tem como liderança uma pessoa que é muçulmano né? É isso é extremamente... extremamente... digamos assim, significativo né? Porque assim é... você tem um contraponto ali que dá uma visão bem, bem diferenciada das coisas, né? Isso colabora muito com o processo,

né? Esse distanciamento, até mesmo porque a gente precisa de uma comunidade interna de todo esse desse peso que a gente absorve das pessoas.

Renata CPDOC Guaianás: Maravilha, obrigada.